



SAÚDE MENTAL: CUIDADO, TERRITORIALIDADE E PERTENCIMENTO

GLEIBSON CARLOS DE OLIVEIRA CALISTO; CAROLINA ALVES MATOS DE MENEZES.

RESUMO

Refletir sobre os serviços de saúde mental, suas conquistas e entraves no mundo contemporâneo, torna-se fulcral na vivência do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), para que este não se distancie e nem negligencie sua principal ideologia. Olhar de forma holística o sujeito, inserindo-o à sua própria natureza, é entendê-lo em sua fenomenologia. Esta pequena ação, integra o sujeito ao seu ecossistema, estimulando sua cosmovisão de mundo, de território e de pertencer a este lugar. Através das metodologias participativas, é que se constrói esta ação, dando ênfase à voz dos sujeitos. Enfatizando os princípios da Reforma Psiquiátrica e tendo como ponto de partida para esta reflexão, este trabalho teve com o objetivo estimular a convivência social, a participação em sociedade, promover a qualidade de vida e o bem estar dos usuários do CAPS, utilizando as belezas naturais da região como método terapêutico. Esta estratégia, justifica-se na perspectiva de conectar ou integrar o sujeito à sua comunidade, conhecendo suas histórias, ambiente e seu ecossistema. Foram feitas várias atividades, roda de conversa, dança circular, alguns usuários levaram violão e compuseram uma letra de música. Mas, o que mais chamou atenção foi o tear sensorial, constituído de um entrelaçado de cordas, em que eles puderam sentar, deitar em cima da água, mas sem tocarem nela, ouvindo o barulho da água e sentindo as gotículas de água, trazendo uma sensação de liberdade, de relaxamento, fazendo com que o indivíduo se conectasse com a natureza e se sentindo parte dela. A visita à cachoeira, como marco inicial deste projeto, e os relatos dos usuários sobre a experiência vivida por eles, nos impacta sobre uma visão mais libertadora e desafiadora aos centros de referência em saúde mental, ampliando a reflexão sobre o cuidado e o sujeito nessa relação do cuidado. Após o passeio, nos veio a seguinte reflexão: será que não estamos institucionalizando também, como os antigos manicômios? Isto nos faz refletir diariamente em relação às nossas condutas, garantindo sempre à autonomia do sujeito e à dignidade humana, afim de que não nos iludamos com a derruba dos muros, pois eles podem ainda viverem em nós.

Palavras-chave: autonomia pessoal; cosmovisão; estratégias de saúde; empatia; bem-estar; liberdade.

1INTRODUÇÃO

A interação com a natureza e os elementos naturais aliados ao sujeito, a comunidade, ao território, nos traz o sentimento de pertencimento, e, se sentir pertencente, remete ao indivíduo sua territorialidade. O que buscamos trazer a ele suas sensações e emoções, muitas vezes retiradas pelas violações que os indivíduos com transtornos mentais carregam em suas histórias. Caminhar pelas estradas, pelas trilhas e principalmente, pelo caminhar da vida, traz o resgate do ser em toda a sua totalidade e individualidade para que se prevaleça na coletividade da vida.

Com a Reforma Psiquiátrica e a Luta Antimanicomial (Brasil, 2004), surgiram os serviços substitutivos, que prezam pelos princípios da territorialidade e da descentralização, no intuito de promover ao usuário o seu convívio social, familiar e a dignidade humana.

Refletir sobre a exclusão dos sujeitos portadores de transtornos mentais é um desejo de transformação social, para que o passado não se torne presente e nem futuro, mas que apenas nos sirva como exemplos falidos, defasados, para que o sujeito aflore e sobressaia perante sua doença.

Para Delgado (1992) o aprisionamento ou, mesmo dito por ele, encarceramento e a ideia de periculosidade destitui o sujeito de sua condição humana.

Neste ítem, o cuidado em saúde mental é construído, para trazer de volta o sujeito a autoria da sua própria história. Assim os serviços de saúde mental são dispositivos que se fundamenta nos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira, como objetivo de humanizar a assistência prestada ao indivíduo, quebrando os paradigmas da loucura, buscando dar protagonismo aos sujeitos em suas histórias, em sua cultura e na vida cotidiana (Brasil, 2002).

De acordo com Scheffer e Silva (2014) dentre as funções sociais dos serviços em saúde mental, estão a construção de métodos terapêuticos que envolvam a inserção social deste sujeito na vida em sociedade através de ações conjuntas, por meio de atividades de lazer, trabalhos comunitários, projetos culturais e de esporte e do fortalecimento de seus laços sociais.

Este trabalho tem como intuito aproximar o usuário de sua comunidade, conhecendo sua história, o integrando à natureza, ao ambiente como um todo, interagindo o sujeito ao seu ecossistema, enfatizando a convivência social, à participação em sociedade, na perspectiva de promover a qualidade de vida dos usuários do CAPS e conhecer as belezas naturais do nosso município.

2. RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Este projeto nasce dentro de uma oficina terapêutica, em que foi fornecido a cada usuário um pedaço de retalho, um tecido, para que através daquele pedaço de pano ele pudesse retratar a sua história, utilizando-se de um desenho ou de uma cartografia social, a fim de que ele contasse a sua história de vida e suas vivências.

O intuito era de que, no final, seria divulgado em reunião de equipe aquela história para que todos os profissionais da assistência soubessem quem era aquela pessoa. Foi quando começou a história de um senhor, o qual apresenta um quadro de esquizofrenia, relatando que nunca tinha ido a uma cachoeira.

Vivemos em uma cidade turística, repleta de belezas naturais, lugares paradisíacos e, claro, este fato nos emocionou, pois ir à cachoeira (algo comum dos moradores), ainda mais para ele como nativo daquele lugar, já fazia parte do nosso cotidiano.

Então começamos na luta para realizar esta vontade. Articulamos com vários setores, públicos e privados, transporte, alimentação, haja vista que a cachoeira é uma propriedade privada e cobra taxa de visitação. Conseguimos tudo o que precisávamos e, no dia e na hora certa, fomos em 17 pessoas, funcionários e usuários.

Foram feitas várias atividades, roda de conversa, dança circular, alguns usuários levaram violão e compuseram uma letra de música. Mas, o que mais chamou atenção foi um tear sensorial, constituído de um entrelaçado de cordas, formando uma teia de aranha, em que eles puderam sentar, deitar em cima das águas, mas sem tocarem nela, ouvindo o barulho da água e sentindo as gotículas de água, trazendo uma sensação de liberdade, de relaxamento, fazendo com que o indivíduo se conectasse com a natureza e se sentindo parte dela.

Andar pelas trilhas, pisar na terra, sentir o vento, a água e os cantos dos pássaros, foi terapêutico, acolhedor, promovendo assim o bem estar físico e mental dos usuários.

Como assevera os autores Pereira e Caroso (2003), as atividades de lazer são um ponto primordial na preservação e promoção da saúde mental, fundamentada em estudos e pesquisas que elencam que as atividades de lazer estão, direta ou indiretamente, relacionados aos índices de adoecimento psíquicos; trazendo assim mais respaldo para atividades realizadas fora do

setor de saúde, estimulando o convívio social dos indivíduos, que por muitos anos foram trancafiados em porões e em manicômios.

Figura1: Tear Sensorial



Fonte:Própria,2024

Figura2: DançaCircular



Fonte:Própria,2024

Figura3:Tear Sensorial

Fonte:Própria,2024

3 DISCUSSÃO

Quando falamos de saúde mental, logo nos vem à mente "perda da liberdade", pensamento este muitas das vezes guiado por todo processo histórico mundial e brasileiro. Sempre foi uma luta, uma militância, garantir o direito ao tratamento dentro do território, na comunidade e em liberdade.

Os CAPSs, vieram na ideologia de derrubar os muros dos manicômios e dar vazão ao "louco" em sua individualidade e na integralidade. Após o passeio, uma usuária pelos corredores da unidade, disse "que bom, que nos tiraram daqui, que a gente não só fica no CAPS".

Com esta fala, nos veio a seguinte reflexão: será que não estamos institucionalizando também, como os antigos manicômios? Isto nos faz refletir todos os dias em nossas condutas profissionais, que devem zelar pela autonomia do sujeito e da dignidade humana, a fim de que não nos iludamos com a derruba dos muros, pois eles podem ainda viverem em nós.

4 CONCLUSÃO

Refletir sobre nossas condutas é um aprendizado diário, pensar de forma crítica é nossa obrigação como atores sociais, na perspectiva de oferecer um mundo melhor. Atuar na saúde mental é não ser mais um violador de direitos, e sim lutar para garanti-los. Aos portadores de transtornos mentais no cabe, zelar pela sua liberdade e a dignidade humana. Conhecer a política, o processo histórico da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, dentro e fora do país, nos leva a lugares, muitas das vezes, pouco visitados pelos profissionais de saúde, vivenciá-la para que os loucos possam andar entre nós, nos torna iguais, é preciso

quebrar o preconceito, para que os princípios que regem o SUS reverberem, em uma sociedade mais igualitária, onde o ser seja essência e o cuidado seja integral em toda a sua demanda.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Ministério da Justiça. **Reforma Psiquiátrica e Manicômios Judiciários: Relatório Final do Seminário Nacional para a Reorientação dos Hospitais de Custódia e Tratamento Psiquiátrico**. Brasília, Ministério da Saúde. 2002.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. 2ed.

Revisão Ampliada, Brasília: MS. 2004. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html>. Acesso em 02 de out de 2024.

DELGADO, P. G. G. **Psiquiatras, Juízes e Loucos: Modelos de Interação entre a Psiquiatria e a Justiça, na Conjuntura da Luta pela Cidadania Plena e Reforma Psiquiátrica no Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Medicina Preventiva. Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n118/a08n118.pdf>. Acesso em 01 out 2024.

PONDÉ, M.P.; CAROSO, C. Lazer como fator de proteção da saúde mental. **Revista Ciências Médicas**, v. 12, p. 163-72, 2003.

SCHEFFER, G.; SILVA, L.G. Saúde mental, intersetorialidade e questão social: um estudo na ótica dos sujeitos. **Revista Serviço Social**, n.118, p. 366-393, abril/junho, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n118/a08n118.pdf> . Acesso em 02 de out de 2024.